

JAZZ

9 ABRIL 2015

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Universal Indians + Joe McPhee

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Qui 9 de abril
Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h · M6

Saxofones John Dikeman **Contrabaixo** Jon Rune Strøm **Bateria** Tollef Østvang
Saxofones, trompete Joe McPhee

Gritemos com eles

«Escolher um nome como o nosso para o trio manifesta uma óbvia ligação a Albert Ayler. Mas mais do que definir a nossa música em relação à música dele, direi que o nome da banda representa a nossa maneira de entender a música como linguagem universal. Esse é um de muitos fatores que fazem com que toquemos juntos insistentemente. É uma conexão social. Somos músicos

de mentes abertas que estão sempre a olhar para fora e a procurar novos impulsos. Não importa onde, com quem ou com que género musical. É isso, aliás, que nos identifica com Ayler.»

Assim é apresentado o grupo Universal Indians pelo seu porta-voz, o baterista Tollef Østvang. O nome vem de um tema de Albert Ayler, incluído no álbum *Love Cry*. A estética praticada é uma continuação daquela que o histórico saxofonista introduziu juntamente com Ornette Coleman, John Coltrane, Cecil Taylor e... Joe McPhee, o convidado especial da formação de que também fazem parte John Dikeman e Jon Rune Strøm: o *free jazz*.

Com uma perspetiva particular, ditada pela própria evolução da música e pelo contexto hoje vivido, o de um mundo globalizado em que toda a

criação artística é um “pós-qualquer coisa”: «Para mim, a designação *free jazz* representa sobretudo o estado de espírito em que me encontro quando toco. Um estado de espírito que me dá absoluta liberdade de estar no momento com as pessoas com quem partilho o palco e que estão na audiência. Mas também é o idioma musical representado por músicos como Joe McPhee. Nunca falamos com ele, ou entre nós, sobre o estilo de música que vamos tocar, deveríamos tocar ou tocámos antes. Encontramo-nos simplesmente e atiramo-nos aos sons, sem combinações ou compromissos.»

A admiração não explica, por si só, o motivo por que foi McPhee chamado por este grupo constituído por um norte-americano radicado na Holanda (Dikeman) e dois noruegueses, tendo um deles (Østvang) também passado uma temporada no país dos moínhos. O convite derivou igualmente do reconhecimento que aquele multi-instrumentista tem enquanto símbolo... «Tocar com Joe McPhee aproxima-nos dos fundamentos do *free jazz*, sem dúvida, mas não como se estivéssemos a olhar para trás. O Joe está sempre à procura de outras fórmulas e direções. Na verdade, ele aproxima-nos da própria música. Encoraja-nos a tomar os riscos que são necessários para criar boa música», argumenta Tollef.

«Só há ação em águas profundas. A presença de Joe McPhee incentiva-nos a estar tão “no momento” quanto é possível. Com ele percebemos que a arte de não tocar fortalece a arte de tocar e que o tempo e o espaço são deveras

importantes. Ele faz com que dêmos um passo para fora, de maneira a podermos ver o quadro geral. Estas colaborações acontecem porque há quatro indivíduos que querem interagir, no palco e fora dele. O facto de estarmos em diferentes estágios das nossas vidas torna esta situação ainda mais significativa.»

Entre os quatro, grupo e convidado, parecem ser os dois sopradores, Dikeman e McPhee, aqueles que mais “fora” têm ido. Se o lendário trompetista e saxofonista já colaborou com a eletroacústica *deep listening* de Pauline Oliveros, com o *noise* da Nihilist Spasm Band e com as incursões *proto-rock* dos The Thing de Mats Gustafsson com, ou sem, os Cato Salsa Experience, o primeiro tem dividido a sua atenção com a improvisação reducionista, o rock exploratório nascido com a *no wave* e até a revisitação dos *blues* originais, em bandas como Cactus Truck, Blast, Pumporgan ou Missing Dog Head.

Diz Østvang: «O John tem uma multiplicidade de abordagens e neste grupo está autorizado a fazer com elas o que muito bem entender. Enquanto secção rítmica, eu e o Jon Rune motivamo-lo a abrir a goela com utilização de dinâmicas, entrando em situações abstratas ou fixando-nos mais convencionalmente no tempo, na melodia e na harmonia. O que quer dizer que os resultados são potencialmente diferentes em cada concerto. Ele tem desenvolvido trabalho no campo do *near silence*, mas nós estamos mais em casa no contexto do *free jazz*. Esta secção rítmica é hética, rápida e poderosa, nada tendo de conceptual. Ter liberdade para tocar é essencial

para mim. Não gosto de me rotular e não gosto quando os outros me colam um rótulo. E claro que ter Joe McPhee como parte desta banda reforça essa atitude.»

As estruturas e composições que vão aparecendo na música dos Universal Indians acontecem com toda a naturalidade. «Surtem da bagagem musical que cada um de nós traz consigo. É essa a beleza desta forma de fazer música. O tempo, a melodia e a harmonia são tão importantes para nós como para qualquer músico de outro gênero. A diferença está no facto de que não o decidimos e planeamos antecipadamente. Adoro quando os nossos quatro pares de ouvidos nos levam para esse tipo de paisagens sonoras. É uma sensação impossível de descrever.»

Apesar do envolvimento de dois americanos e dois noruegueses, o jazz aberto dos Universal Indians deve muito ao *modus operandi* que foi sendo formulado na Holanda: «A cena holandesa foi para mim um abrir de portas. Mais tarde, acabou mesmo por me ligar à cena de Chicago. A ligação entre ambas e a da Escandinávia pareceu-me muito clara quando voltei para a Noruega. Todas as três têm uma atitude liberal relativamente à aprendizagem e à execução da música. “Encontrarmos a nós próprios” pode parecer um estereótipo, mas é a condição fundamental para nos tornarmos num bom ser humano e musical. Não toco para me impressionar ou para impressionar os outros. É muito mais profundo do que isso. Confiar em mim e nos meus desejos foi algo que a estadia

em Amsterdão me proporcionou. E o primeiro músico com quem lá toquei foi John Dikeman», acrescenta o responsável pela percussão.

Dikeman, Strom e Østvang já se conhecem bem (os dois últimos estão, de resto, juntos nos projetos Friends & Neighbors e All Included) e a sua associação dispensa a existência de um líder... «Pensamos de maneiras bastante semelhantes. Temos referências comuns, tanto musicalmente como no que respeita à vida e à sociedade. De qualquer modo, quando tocamos fazemos questão de começar por uma folha em branco. E desafiamo-nos constantemente. É difícil encontrar boas formas e bons movimentos numa música livre. Exige de nós um enorme foco ou tudo acaba por desabar. Cada atuação é um salto no precipício. Sermos uma democracia torna a música mais sólida quando encontramos esses movimentos e formas. O trabalho em equipa é sempre melhor do que qualquer trabalho com alguém a dirigir, não é?»

Tollef Østvang dá razão a Derek Bailey quando este afirmou que a improvisação não tem de ser experimental: «Referiu-o muito objetivamente no seu livro *Improvisation* e no documentário *On the Edge*. A improvisação é algo que faz parte de qualquer gênero musical. Assim sendo, tanto adotamos técnicas instrumentais extensivas como não. A forma muscular como o Rune toca contrabaixo baseia-se em técnicas alternativas, e o mesmo acontece com o John. Devo dizer, no entanto, que para mim as coisas são diferentes: tenho uma abordagem mais tradicional ao meu ins-

trumento. Valorizo muito o som acústico da bateria que nos chega da história do jazz. Uma grande parte da minha carreira incidiu em tornar esse som e essas técnicas numa expressão espontânea. A agressividade e o jogo héctico também são ferramentas minhas, mas não se sustentam em procedimentos extensivos.»

O *free “pós-free”* dos Universal Indians com Joe McPhee tem, na sua urgência e na sua visceralidade, uma pronunciada carga política. A mesma que estava em *Nation Time*, um marco do Black Power: «A postura política e social do Joe está mais presente hoje do que alguma vez antes. Não costumamos conversar sobre os nossos pontos de vista, mas no palco fazemos “clique” quase imediatamente. A música fala mais alto do que as palavras, ainda que este seja outro cliché. Quando falo em público ou com outros tendo a ser um bocado trapalhão na retórica, mas a tocar é como se os meus argumentos irrompessem em caudal da bateria. Acho até que, nestes últimos anos, o meu engajamento político tornou a minha maneira de tocar mais afirmativa. É o que também vejo nele: as suas intenções e a sua filosofia estão mais fortes do que nunca.»

Acrescenta Tollef: «Toca como se não houvesse amanhã!» E o certo é que esse ânimo contamina os companheiros de McPhee, somando-se à energia positiva que eles já têm consigo. As consequências são explosivas, justificando plenamente a menção deste tipo de jazz como “estética do grito”. É verdade que gritar, e ouvir gritar, pode ser cansativo,

mas há alturas em que tal é necessário, imprescindível mesmo, e esta é uma delas. Pois gritemos com eles...

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online jazz.pt

John Dikeman saxofones

Nasceu no Nebraska, EUA, em 1983 e passou a infância e a juventude numa pequena cidade do Wyoming. Em Kemmerer, o saxofonista John Dikeman não tinha muito mais que fazer senão dedicar-se aos seus estudos musicais, o que fez em grande parte por sua conta e risco. A profissionalização como músico surgiu cedo, aos 16 anos, em colaborações com Stefan Dill e Jack Wright. Em 1999 deixou a sua terra natal para frequentar a Interlochen Arts Academy e, durante um período, o Bennington College, onde teve Milford Graves como mestre. Nessa altura, teve ainda aulas particulares do saxofonista Joe Maneri. Quando se mudou para Filadélfia, começou a rodar com alguns grandes nomes do jazz, como Daniel Carter, Nate Wooley, Mike Pride e Reuben Radding. Em 2004, foi viver para o Egipto, associando-se à estrela pop Mohamed Mounir, ao DJ Haze e à Orquestra Sinfónica do Cairo. Em 2007, fixou-se na Holanda e aí permanece, colaborando com figuras locais de renome como Han Bennink, Ab Baars, Wilbert De Joode, Raoul van der Weide, Eric Boeren, Andy Moor, Terrie Ex e muitos mais.

Jon Rune Strøm

contrabaixo

Tendo como fonte de inspiração no contrabaixo o Gary Peacock da juventude, bem como o jazz aberto de Frode Gjerstad (a cujo trio atualmente pertence), Jon Rune Strøm vem trabalhando com figuras como Paal Nilssen-Love e Mats Gustafsson, tendo integrado a Nilssen-Love Large Unit e o Nu Ensemble. Pertence a grupos da nova geração de improvisadores escandinavos como Saka, All Included e Friends & Neighbors e seja com eles ou desenvolvendo um projeto a solo conquistou o estatuto de contrabaixista de referência. Conhecido pelo seu estilo altamente enérgico, emparceirou já com figuras de renome internacional como Ken Vandermark e Steve Swell.

Tollef Østvang

bateria

Nascido em 1985, com residência em Trondheim, Tollef Østvang é líder dos seus próprios grupos, integra a Available Jelly Big Band, pertence aos coletivos All Included e Friends & Neighbors e vem colaborando com músicos como Tobias Delius, Wolter Wierbos, Michael Moore, Dave Rempis, Josh Berman e Keefe Jackson, entre outros. Começou a tocar bateria aos 6 anos de idade e fez a licenciatura e o mestrado (este terminado em 2012) no Departamento de Jazz da Universidade de Trondheim, com passagens pelo Conservatório de Amsterdão e pelo Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris.

Joe McPhee

saxofones, trompete

Proveniente de Miami, Florida, onde nasceu em 1939, Joe McPhee aprendeu a tocar trompete com o pai aos 8 anos de idade, aprofundando os seus conhecimentos na banda do exército. A esse instrumento acrescentou o saxofone em 1968, depois de ouvir Albert Ayler. O seu primeiro registo discográfico foi o histórico álbum *Freedom & Unity*, de Clifford Thornton, pouco antes de gravar *Underground Railroad* com o seu próprio quarteto, a que se seguiram títulos fundamentais da discografia do *free jazz* como *Nation Time*, *Trinity* e *Pieces of Light*. Em 1975, foi fundada a etiqueta suíça Hat Hut, com o propósito inicial de editar a sua música, casos de *Topology*, *Linear B* e *Oleo*. A sua contribuição para os princípios Deep Listening de Paulino Oliveros data de 1981, assim entrando nos domínios da música contemporânea. Ao longo das décadas esteve à frente de vários grupos, entre eles se destacando Trio X, com Dominic Duval e Jay Rosen, e Survival Unit III, com Fred Lonberg-Holm e Michael Zerang.

Próximo espetáculo

Satélites

de Sofia Dias & Vítor Roriz

Dança Sex 10, sáb 11 de abril

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h · M12



© S&V

“*Satélites* é uma imagem para o que é periférico, para o movimento da e na periferia. Um movimento em relação a um centro que nunca se nomeia e cujo lugar não se determina.” S&V

Próximo espetáculo de música

João Mortágua

Quarteto

Janela

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Sáb 18 de abril

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



© Amaral Moreira

“O sax alto de Mortágua ouve-se com o maior dos prazeres. Tem um sopro próprio e uma elasticidade que vai de Lee Konitz a John Zorn, o que eu antes não julgava possível. O trabalho de guitarra de Miguel Moreira é excelente (...) a ação combinada do baixista José Carlos Barbosa e do baterista José Marrucho mantém tudo o mais a pulsar com uma solidez inebriante. O que mais poderíamos desejar de uma estreia?” Rui Eduardo Paes, *jazz.pt*, crítica 4 estrelas a *Janela*.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Sara Amaral

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt